

## Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos: reflexões acerca de um museu de território

**Juliana dos Santos Rocha**

Mestranda em Educação e Formação Humana  
Universidade do Estado de Minas Gerais  
julliannarocho@gmail.com

**Alessandra Maria da Silva Gomes**

Mestranda em Educação e Formação Humana  
Universidade do Estado de Minas Gerais  
alessandra@medicina.ufmg.br

**Resumo:** Este trabalho além de apresentar o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos - MUQUIFU propõe discutir as concepções de patrimônio, de cultura e de memória que orientam as ações de patrimonialização desse espaço cultural, fazendo inferências com conceitos e perspectivas teóricas e metodológicas, tais como decolonialidade, cultura, interculturalidade crítica e educação; memória (individual, coletiva, social; memória, esquecimento, silêncio, memória e poder, memórias em disputa). O MUQUIFU é uma referência pioneira na iniciativa de museologia social. Foi criado com o objetivo de garantir o reconhecimento das favelas como lugares não apenas de dor e privações, mas principalmente, como um espaço de memória coletiva. Como local de resistência, identifica-se como museu de território e simboliza um espaço de pertença ao reunir um grande acervo constituído por objetos biográficos, fotografias de festas, danças, celebrações e histórias que retratam a vida cultural e a tradição dos moradores das comunidades do Aglomerado Santa Lúcia que perante o risco iminente de expulsão dos centros urbanos instituíram este espaço como instrumento de resistência ao mesmo tempo em que funciona como local de preservação do patrimônio, da história, da memória e de bens culturais destes moradores. Ao mobilizar a comunidade para proteção e potencialização da importância da memória social e coletiva, cuja iniciativa partiu dos próprios moradores, de predominância negra, da qual, origem, história e valores dão vazão a promoção de exposições, debates e oficinas, percebe-se a forte presença da museologia social, uma vez que, a comunidade participa ativamente das atividades do dia a dia do museu. É importante lembrar que durante muito tempo os museus conservavam apenas os registros de memória e a visão de mundo das classes dominantes. Somente a partir do século XXI, esse panorama foi alterado devido às transformações ocorridas nas políticas patrimoniais que deixaram de lado a primazia da valorização da influência de Portugal para o Brasil que excluía qualquer influência indígena e\ou africana, passando a valorizar a patrimonialização das diferenças. Tal fato possibilitou um processo de democratização, de ressignificação e de apropriação cultural, passando a valorizar a preservação da história dos diversos grupos étnicos, sociais, religiosos entre outros.

**Palavras-chave:** Museu de território, Museu social, MUQUIFU.

### Conhecendo o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos

O Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos – MUQUIFU, localizado na Rua Santo Antônio do Monte, n. 708, na Vila Estrela no bairro Santo Antônio na cidade de Belo

Horizonte\MG é uma referência pioneira na iniciativa de museologia social, sendo o primeiro museu do estado de Minas Gerais e o terceiro do país a retratar a favela.

Não possuindo nenhum financiamento do governo, se mantém por meio de campanhas de financiamento coletivo e doações. Foi fundado com o propósito de assegurar o reconhecimento das favelas como locais não apenas de sofrimento e privações, porém, sobretudo, como um ambiente de memória coletiva.

Desde a sua criação, no ano de 2012, a curadoria da exposição permanece sobre a responsabilidade do Padre Mauro Luiz da Silva, museólogo formado pela Universidade de Pádua e hoje, pároco da Paróquia Jesus Missionário, no bairro Vista Alegre, BH/MG. De maneira bem acolhedora, o Padre Mauro recebe os visitantes do Museu, apresentando o ambiente, contando a história do lugar, dos objetos e das pessoas que criaram esse espaço, além de relatar as vivências ocorridas no Museu durante as visitas. O agendamento para visita pode ser feito pelos telefones 3296-6690\3296-6583 ou pelo e-mail padremauro@hotmail.com. As visitas guiadas ocorrem habitualmente as quartas-feiras, de 14 às 17 horas e aos sábados, de 10 às 16 horas.

É impressionante a quantidade de significado presente dentro de um mesmo espaço. Chama bastante atenção à árvore que fica no passeio na entrada do museu, pois, ao mesmo tempo em que acolhe, impõe toda a sua grandeza e esplendor; Como homenagem as moradoras do aglomerado que criaram esse espaço, existe um carrinho de pipoca posicionado estrategicamente em frente à Capela dos Santos Pretos, contendo bonecas de pano negras, cheias de detalhes, exprimindo a identidade cultural do lugar. Essas mesmas mulheres, também são retratadas nos afrescos da capela que representam as sete dores e as sete alegrias vividas por Nossa Senhora, inseridas em cenas do dia a dia do Morro. Além disso, como fato curioso, ressalta-se a presença de uma cozinha dentro da capela, ou melhor, como diz o Pe. Mauro, “uma capela dentro da cozinha”. Esse espaço além de ser usado como um ambiente de oração, também pode ser visto como um local de encontro em que se pode colocar a conversa em dia.

No museu, fazendo parte da exposição permanente, ainda existem, duas salas temáticas ligadas às profissões que são muito comuns na favela, à empregada doméstica e o pedreiro. No quatinho de empregada, além de se permitir visualizar um ambiente cuidadosamente montado com objetos, móveis e bonecas que representam as trabalhadoras vestindo uniformes, o visitante que tem\teve algum familiar que trabalha\trabalhou com esse

ofício, encontra um espaço reservado para a escrita de uma mensagem que fica como parte da exposição.

Já a sala voltada para o ofício dos pedreiros, o chão é repleto de britas, lonas, ferramentas de trabalho e fotos que representam, de maneira bem significativa, o cotidiano nas obras e de quem trabalha nesse espaço. Além disso, o MUQUIFU possui um ambiente voltado para expressão religiosa e cultural de matriz africana - Congado - onde o teto é decorado com tirinhas de papel crepom colorido, as paredes repletas de fotografias, instrumentos musicais e bonecos vestidos com as tradicionais roupas dessa manifestação.

**Imagem 1** – Representação do Congado



Fonte: Fotografia das autoras.

No espaço destinado à exposição temporária chama atenção, uma estante composta por objetos, carregados de história, que foram dados, pelos patrões, aos seus funcionários, e são denominados, no museu, como “presente da patroa”.

Destarte que como esfera de resistência, o MUQUIFU caracteriza-se como museu de território e retrata um lugar de pertença ao unir um amplo acervo composto por objetos

biográficos<sup>1</sup>, fotos de festas, danças, celebrações e histórias que representam a vida cultural e o legado dos residentes das comunidades do Aglomerado Santa Lúcia.

O aglomerado é composto pela Vila Esperança, Vila São Bento, Vila Estrela e Morro do Papagaio que diante da iminente expulsão dos centros urbanos, estabeleceram este local como instrumento de resistência enquanto funciona como lugar de conservação da história, do patrimônio, da memória e de bens culturais destes cidadãos.

Ao sensibilizar a comunidade para salvaguardar e otimizar com relevância a memória social e coletiva, em uma iniciativa dos próprios moradores, de primazia negra, da qual, origem, história e princípios dão vazão ao fomento de exposições, mesas-redondas e oficinas, constata-se a forte presença da museologia social, posto que, a comunidade participa fortemente das atividades cotidianas do museu.

Nesse contexto, Silva (2018) esclarece que a participação da comunidade nos processos de patrimonialização, renovando de modo contínuo o que se compreende por patrimônio, só foi possível, devido à dessacralização do patrimônio. É importante destacar que durante muitos anos os museus preservavam somente os registros de memória e a perspectiva de mundo das classes dominantes. Nesse sentido, Freitas complementa que:

Historicamente, os museus no Brasil foram fomentados por classes e visões hegemônicas, os “povos negros, etnias indígenas, herdeiros quilombolas, herdeiros caboclos, trabalhadores camponeses, favelados e pobres” foram deixados na inexistência ou tiveram suas histórias deformadas por discursos hegemônicos propagados por ideais, voltados para a celebração do poder e para a manutenção do pensamento abissal que é a negação radical da co-presença de pluralidades, de formas diversas de conhecimentos e cosmogonias (FREITAS, 2016, p.15).

Com o início do século XXI, esse cenário foi modificado em função das mudanças ocorridas nas políticas patrimoniais que deixaram de lado o predomínio da valorização da influência de Portugal para o Brasil, que suprimia qualquer influência africana e/ou indígena, passando a prestigiar a patrimonialização das diferenças. Tal fato propiciou um processo de democratização, de ressignificação e de apropriação cultural, passando a valorizar a preservação da história dos diferentes grupos étnicos, sociais, religiosos entre outros. Foi nesse contexto que o MUQUIFU teve origem.

---

<sup>1</sup> Os objetos biográficos são testemunhas significativas da vida de alguém e, no espaço do museu, podem assumir os mais variados sentidos.

Atualmente, este espaço é uma das referências mais importantes dessa nova concepção de museu ao privilegiar a preservação das memórias de pessoas que historicamente foram esquecidas e excluídas dos tradicionais espaços de preservação da cultura. A partir da visita ao MUQUIFU, é possível refletir sobre alguns conceitos, tais como, decolonialidade<sup>2</sup>, cultura, interculturalidade<sup>3</sup> crítica e educação, bem como, a importância da memória coletiva, individual e social. Além disso, pode-se pensar nas transformações econômicas, socioculturais e educacionais transcorridas nas políticas e nos modos pelos quais se emergem novos processos de patrimonialização.

Dessa forma, este museu social e comunitário, repleto de significado, convida a ultrapassar os limites da museologia tradicional ao propiciar uma relação mais próxima entre o acervo, à comunidade local e os diversos sujeitos que visitam este ambiente tão rico. Ao oportunizar a compreensão das relações que se estabeleceram na comunidade, a partir da exibição dos objetos, imagens e dos ambientes criados, considerando a conservação de informações por meio da preservação da memória, dos diversos sujeitos, representados no Museu, reflete-se sobre o entendimento das relações culturais, simbólicas e sociais.

Na perspectiva de construção e reconstrução de sentido, pondera-se sobre suas diversas significações ao traduzir o sofrimento demonstrado no decurso da história e no uso que lhe são atribuídos. A partir da relação entre história e memória, considerando-se a memória como meio de representações em diferentes épocas e realidades sociais, dota-se o presente de significado ao entender o sentido do que ocorreu, bem como, o conhecimento do ocorrido, de maneira a restituí-lo de modo inteligível, de forma argumentativa e de acordo com o espaço de experiência e horizonte de expectativa de uma dada época, conforme afirma Reis,

A sensibilidade historiadora se ancora no tempo, na interpretação sempre mutante entre passado, presente e futuro. As mudanças no processo histórico alteram as interpretações da história. Toda interpretação, que é uma atribuição de sentido ao vivido, se assenta sobre um mirante “temporal”, um ponto de vista, em um presente vê-se a partir de um lugar social e um tempo

<sup>2</sup> O vocábulo “decolonial” é utilizado no lugar de “descolonial” em virtude da indicação de Walter Dignolo “para diferenciar os propósitos do Grupo Modernidade/Colonialidade e da luta por descolonização do pós-Guerra Fria, bem como dos estudos pós-coloniais asiáticos” (ROSEVICS, 2017, p. 191). “O pensamento decolonial reflete sobre a colonização como um grande evento prolongado e de muitas rupturas e não como uma etapa histórica já superada. [...] Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua” (COLAÇO, 2012, p. 8).

<sup>3</sup> O conceito de interculturalidade, usado para indicar um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade, ao contrário, “fomentando o potencial criativo e vital, resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos” (FLEURI, 2005, p.26).

específicos. O desdobramento do tempo pode mudar a qualidade da história, interpretações inovadoras emergem com a sua passagem. Não há um passado fixo, idêntico, a ser esgotado pela história. As esperas futuras e vivências presentes alteram a compreensão do passado. Cada geração, em seu presente específico, une passado e presente de maneira original, elaborando uma visão particular do processo histórico. O presente exige a reinterpretação do passado para se representar, se localizar e projetar o seu futuro. Cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer. (REIS, 2003, p. 9).

Ao longo da visita ao MUQUIFU, pode-se perceber a importância da memória individual e coletiva, em suas diversas formas de representação que aferem significados ao que permanece na memória desta população, conduzindo a uma nova leitura e interpretação, evitando um processo de apagamento e exclusão desta memória e de suas significações para a história coletiva, evitando assim, padecer no esquecimento da história sob um viés social e político.

Como esfera de preservação e difusão do patrimônio cultural, o MUQUIFU representa um discurso, composto de conceitos duais e ambíguos como o som e silêncio, a presença e ausência, a lembrança e o esquecimento, o colonial e o decolonial, o poder e a subalternidade. Na compreensão deste discurso, nesta realidade, tem-se a tradução do enunciado da fala e de suas lacunas, daquilo que faz falar e de quem fala e principalmente do lugar de onde fala, por conseguinte, remetendo a função de transmissão, às novas gerações, dos fatos e vivência que foram retidos como fundamentais para a sobrevivência destes grupos.

### **Considerações finais**

A importância de visitar um museu como o MUQUIFU está diretamente ligada a oportunidade de conhecer e valorizar um tipo de Museu diferente do que se está acostumado a ver na maioria dos tradicionais espaços culturais do país. Nesse ambiente, o negro não possui um papel subalterno, pelo contrário, é o protagonista, o que é extremamente importante para o fortalecimento da identidade cultural dessa população. Esse espaço possibilita a desconstrução do conceito que se tem de museu, ampliando a visão de cultura e patrimônio.

O MUQUIFU convida a pensar, sentir e refletir a cultura negra. Repleto de significado, esse Museu de território, valoriza o simples que não deixa de ser belo. A maior parte do seu acervo foi constituída por meio de doações de objetos\imagens dos moradores da própria comunidade, fato que propiciou maior identificação destes residentes, por se verem representados, nesse ambiente, que lhes oportunizou contar suas histórias as próximas gerações. No entanto, apesar desses objetos\imagens carregarem a memória individual, em

virtude do enquadramento da memória, também reflete a coletividade ao representar os moradores do Aglomerado Santa Lúcia, fato muito importante, para a valorização da população negra, que em diversos momentos passa por situações de violência, carência e sofrimento nos morros e favelas, mas que encontra no MUQUIFU um espaço de acolhida e pertença.

Além disso, os educadores podem notar a necessidade do desenvolvimento de um trabalho voltado para a cultura, memória e patrimônio nas escolas desde os anos iniciais do ensino fundamental, pois, além de favorecer a valorização e preservação da história individual, possibilitaria maior compreensão e respeito à cultura do outro.

Por fim, destaca-se que a visita ao Museu é extremamente valiosa ao ajudar a perceber as mudanças ocorridas no âmbito da educação, que são baseadas em novas ideias que só podem ser processadas pela mente humana, ao originar uma confrontação da ótica de mundo que privilegia outras formas de percepção da realidade, tendo como foco as ações culturais do indivíduo e sua subjetividade. Assim, o MUQUIFU, representa uma ação de estímulo e demanda que faz reconhecer os espaços de cultura que extrapolam os conceitos e discursos tradicionais, políticos- institucionais cumprindo com uma importante tarefa que é a de reconhecimento, significação, memória individual e coletiva tão preciosa para a formação humana. O museu convoca a um exercício de pensamento do pesquisador, convidando a uma reflexão crítica sobre os papéis de protagonistas dos diversos sujeitos constituintes de uma história de luta e resistência, ao demonstrar uma inovação nos modos de ver, ser, fazer, sentir, interpretar, construir e reconstruir, relacionar e agir sobre o mundo.

### Referências Bibliográficas

COLAÇO, Thais Luzia. **Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial.** Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Palestra proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire.** 2005. Disponível em: <[www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri\\_2005\\_recife\\_resumo\\_e\\_texto\\_completo.pdf](http://www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf)>. Acesso em: 09 fev. 2019.

FREITAS, Kelly Amaral de. **As forças culturais do museu de quilombos e favelas urbanos e o poder de ressonância nos objetos biográficos.** 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, n. 1, v. 1, p. 12-32, 2017.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

ROSEVICS, Larissa. Do pós-colonial à decolonialidade. In: CARVALHO, Glauber; ROSEVICS, Larissa (Org.). **Diálogos internacionais**: reflexões críticas do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Perse, 2017.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Escolas, cidades e seus patrimônios: dinâmicas escolares de patrimonialização cultural. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, 2018.